

# ABORDAGENS PEDAGÓGICAS PARA A INCLUSÃO DA CRIANÇA AUTISTA NA ESCOLA

*PEDAGOGICAL APPROACHES FOR INCLUDING AUTISTIC CHILDREN IN SCHOOL*

Larissa Maria Corrêa Bessa <sup>18</sup>

Andréa Rodrigues Ribeiro <sup>19</sup>

**RESUMO:** O objetivo desta pesquisa é conhecer um pouco mais sobre o TEA (Transtorno do espectro autista), conhecer as vivências dessas crianças na escola, e analisar algumas abordagens pedagógicas para trabalhar com as crianças autistas. A pesquisa se originou a partir da vivência do estágio supervisionado na educação infantil, onde foi possível constatar as dificuldades dos docentes em alfabetizar crianças, principalmente pela falta de subsídios para compra de materiais para alfabetizar crianças que possuem este espectro, e de professores de apoio insuficientes para a demanda. O problema central é, se as abordagens pedagógicas dos educadores podem auxiliar no desenvolvimento educacional de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas escolas regulares, considerando suas necessidades individuais. A hipótese seria que, os métodos pedagógicos adaptados, como o PECS, o CAA, o TEACCH, e a ABA podem ajudar na inclusão e desenvolvimento das crianças com TEA. A metodologia utilizada desta presente pesquisa é a explicativa de caráter bibliográfico. E seu resultado é o recorte do que foi analisado por meio dos dados analisados.

**Palavras-chave:** Autismo. Inclusão Escolar. Educação Infantil.

**ABSTRACT:** The objective of this research is to learn about ASD (autism spectrum disorder), learn about their experiences at school, and analyze some pedagogical approaches to working with autistic children. The research originated from the experience of a supervised internship in early childhood education, where it was possible to observe the teachers' difficulties in teaching children to read and write, mainly due to the lack of subsidies for purchasing materials to teach children who have this spectrum to read and write, and insufficient support teachers for demand. The central problem is how educators' pedagogical approaches can assist in the educational development of children with autism spectrum disorder (ASD) in regular schools, considering their individual needs. The hypothesis would be that adapted pedagogical methods, such as PECS, TEACCH, and ABA can help in the inclusion and development of children with ASD. The methodology used in this research is explanatory and bibliographic in nature. And its result is the outline of what was analyzed through the analyzed data.

**Keywords:** Autism. School inclusion. Child education.

<sup>18</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás. (laricbessa16@gmail.com).

<sup>19</sup> Pedagoga (UEG) e Mestra em Educação pela Universidade Federal de Alagoas, UFAL (2022). Docente no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás (andrea.ribeiro@ueg.br).

## INTRODUÇÃO

Ramos et al. (2023) afirma que o autismo, também conhecido como (TEA), é classificado como um dos “Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD)”, é descrito como um espectro, pois as características podem variar do leve ao mais severo, as principais características deste espectro são o isolamento social do sujeito.

A síndrome autista se manifesta entre o primeiro e o terceiro ano de vida, período em que pode ocorrer uma parada do desenvolvimento ou regressão, levando à perda de habilidades já adquiridas. Deste modo, elas apresentam déficits na tríade clássica de sintomas, que se manifesta com diferentes graus de gravidade. São descritas por Silva (2012), como pertencentes ao Espectro Autista. Os três tipos de Transtornos do Espectro do Autismo incluem: 1) autismo, 2) Síndrome de Asperger e 3) Transtorno Global do Desenvolvimento Sem Outra Especificação (TGD-SOE).

Segundo Oliveira (2020), as manifestações das dificuldades no autismo poderão variar de acordo com o nível desenvolvimento mental e a idade cronológica da criança, entre outros fatores, dessa forma, podemos citar, a sua incapacidade de comunicação verbal, como, atraso na fala e comportamentos estereotipados, comprometendo então, o desenvolvimento normal do indivíduo, afetando a interação social, a comunicação e o comportamento.

Nesse sentido, Nunes, Azevedo e Schimidt (2013) dizem que a escola se constitui como um recurso fundamental para enriquecer as experiências sociais das crianças com TEA, oportunizando a interação entre pares e contribuindo para o desenvolvimento de novas aprendizagens e comportamentos, é importante que parte dos programas de ensino voltada a essas crianças seja planejada para melhorar e adequar as habilidades sociais.

Em consonância com Lazzarini (2022), as habilidades sociais podem ser organizadas em classes e subclasses de maior ou menor abrangência, como as seguintes: habilidades de comunicação: como fazer e responder perguntas; habilidades de civilidade: dizer “por favor”, agradecer etc.; habilidades assertivas de enfrentamento ou defesa de direitos e de cidadania: expressar opinião, discordar etc.; habilidades empáticas e de expressão de sentimento positivo; habilidades sociais profissionais ou de trabalho: coordenação de grupo, falar em público; habilidades sociais educativas de pais, professores e outros agentes envolvidos na educação ou no treinamento.

Ainda segundo (Lazzarini, 2022), na prática a inclusão dessas crianças ao ensino público, é complicada e difícil, pois, a falta de recursos escolares é frequente, outro fator, é falta

de capacitação de profissionais da educação, como os professores, é maior ainda, problemas que atrapalham com que essa inclusão seja feita de forma correta.

Como o transtorno é um espectro, segundo Brites (2020) existem várias formas de manifestação, portanto, algumas crianças falam, mas não se comunicam, ou são pouco fluentes e até mesmo não falam nada, dessa forma podemos ver a importância do olhar individualizado na alfabetização no autismo. Um fator muito importante a ser considerado é se existe ou não a Deficiência Intelectual, que está presente em 50% dos casos de TEA.

Por outro lado, de acordo com Brites (2020), cerca de 5 a 10% das crianças com autismo apresentam altas habilidades, e algumas características do processamento cognitivo no TEA, devem também ser consideradas no processo de alfabetização, tais como: disfunção executiva, motora e espacial; lenta velocidade de processamento; baixa capacidade de manter a atenção em tarefas sequenciais; memória boa para o hiperfocal, e ruim para o que não interessa.

Bandeira (2023) afirma que existem alguns métodos que podem ajudar o professor, e que dão suporte ao processo de alfabetização e letramento de alunos autistas são eles: Método PECS: O Sistema de Comunicação por Troca de Figuras incentiva a criança a se comunicar por meio da utilização de figuras ou para ampliar seu repertório de palavras. Método TEACCH: tem o objetivo de promover o aprendizado a partir da valorização das capacidades cognitivas de cada pessoa.

Além disso, conforme diz Bandeira (2023), o método se baseia na adaptação e organização dos ambientes para facilitar a compreensão do que é esperado em cada um deles, fomentando novos aprendizados em casa, na escola, no trabalho ou em outros ambientes. Método ABA: tem o objetivo de ampliar o repertório comportamental da criança. Com isso, espera-se que ela melhore a interação com outras pessoas e tenha menos dificuldades na comunicação. O conjunto de técnicas visa, também, a diminuição de comportamentos disruptivos.

Portanto, relata Brites (2020) que é necessário sempre observar as comorbidades associadas, a cada aluno, como a DI (deficiência intelectual) e conscientizar os pais sobre o processo de alfabetização, que são um dos primeiros passos. As atividades estruturadas sequenciadas, com instrução explícita e altamente visuais, favorecem o entendimento das crianças com autismo.

Brites (2020) diz ainda que o mais importante é trabalhar sempre com instrução explícita e apoio visual. A alfabetização no TEA não é diferente, apenas são necessárias algumas

adaptações nas estratégias. O mais importante é conhecer as características de cada aluno e considerar suas dificuldades e habilidades no planejamento pedagógico.

Segundo Gil (2002) pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema. A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos.

Gil (2002) diz ainda que a pesquisa se desenvolve ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados. O método utilizado neste presente trabalho foi a pesquisa exploratória, as pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições.

Portanto, o problema central é: **se as abordagens pedagógicas dos educadores podem auxiliar no desenvolvimento educacional de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas escolas regulares, considerando suas necessidades individuais.** A metodologia utilizada nesta presente pesquisa é a explicativa, de caráter bibliográfico.

## 1 O AUTISMO NO BRASIL

Lazzarini et al. (2022) diz que no Brasil, atualmente, após muitas lutas pela igualdade social, e pela inclusão de pessoas portadoras de deficiências físicas e cognitivas, principalmente, quando falamos de pessoas que possuem o espectro do autismo, podemos observar, que ao longo dos anos, essas pessoas vêm se ganhando cada vez mais seu espaço, principalmente, na área da saúde, onde eles conseguem receber cada vez mais tratamentos adequados com profissionais capacitados e equipes multidisciplinares.

De acordo Martins (2020), observamos que o Brasil conta com 282 Centros de Atenção Psicossocial infantil (CAPS IJ), 47 oficinas ortopédicas disponíveis e 2.795 Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), que realizaram 10,8 mil atendimentos a pessoas com autismo em 2021. Essas avaliações multi-profissionais são realizadas por uma equipe composta por médico psiquiatra ou neurologista e profissionais da área de reabilitação, que são de extrema



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

importância durante o tratamento de pessoas que possuem o espectro, portanto, a função dos profissionais é estabelecer o impacto e repercussões no desenvolvimento global e processo terapêutico, a fim de estabelecer um Projeto Terapêutico Singular (PTS).

Assim, ainda conforme Martins (2020), podemos definir a palavra PTS, como um conjunto de propostas e condutas terapêuticas articuladas onde seu objetivo é promover o bem-estar do paciente de forma interdisciplinar. Também segundo o Ministério da Saúde em 2021 foi lançado uma Linha de Cuidado para Crianças com Transtorno do Espectro Autista, com o objetivo de organizar os fluxos de cuidados e atenção, orientando sobre promoção, inclusão, tratamento, reabilitação de diferentes níveis de assistência, sistematizando a rede de atenção à pessoa com TEA e favorecendo ações de detecção precoce.

Conforme retrata Bandeira (2023), foi realizado em 2023 um estudo “Retratos do Autismo no Brasil em 2023”, realizado em setembro deste ano por duas startups — Genial Care, a maior healthtech da América Latina especializada no cuidado e desenvolvimento de crianças com TEA; em parceria com a Tismoo.me, primeira healthtech especializada na saúde 360° da pessoa autista —, onde seu principal objetivo era de colher dados inéditos e relevantes sobre as pessoas autistas e suas famílias, considerando uma estimativa mais atual de 6 milhões de pessoas com TEA no Brasil (feita com base em dados do CDC que dizem que 1 em cada 36 pessoas está no espectro do autismo nos Estados Unidos).

Segundo Bandeira (2023), uma pesquisa onde participaram mais de 2.200 respondentes de todo o Brasil, sendo os cuidadores e pessoas autistas, e também autistas cuidadores, onde, estes últimos representam 24,2% dos entrevistados dentro da amostra de autistas. A faixa etária dessas pessoas respondentes varia entre 35 e 44 anos (42%). Quando analisamos as condições de saúde mental e física e do dia a dia das pessoas autistas, 49,33% afirmam que possuem alguma doença crônica ou secundária que foi identificada junto ao diagnóstico de TEA, e 50% afirmam não ter acesso a recursos e suportes adequados para as suas necessidades autistas.

Ainda, Bandeira (2023) relata que de acordo com a literatura científica, conseguimos verificar que a saúde da pessoa autista é mais vulnerável que a população em geral. Entre doenças comuns, e questões gastrointestinais (8,4%), doenças respiratórias (3,6%), hipovitaminoses (3,5%), obesidade (2,95) e anemia (2,6%), por exemplo, que aparecem nessa ordem entre as mais prevalentes em autistas.

Através dessa pesquisa, podemos visualizar que cuidar da saúde é um desafio para todo o espectro. Também é possível verificar em algumas outras pesquisas científicas que



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

pessoas que possuem o espectro possuem uma chance maior de cometer tentativas de suicídio, em relação a população geral onde, nesta pesquisa, o número foi alarmante: 7,26% dos autistas já atentaram contra a própria vida. E quando perguntado se um familiar já tentou suicídio, o número é ainda maior: de 17,29%.

No âmbito escolar, Oliveira (2020) aborda que a educação infantil promove, naturalmente, o ingresso de toda criança em um grupo social, longe da proteção da família. Isso acarreta novas formas de se relacionar e de se comportar, ampliando o repertório de experiências da criança, mas, também seus medos, assim como os da família.

Consequentemente, esse processo, conforme Santos (2022) menciona, no caso da inclusão, representa um desafio duplo para o professor, pois, apesar das habilidades sociais serem desenvolvidas e aprendidas ao longo da vida com as interações da criança com outras crianças e com adultos, quando não há possibilidades ou condições dessas interações acontecerem de forma espontânea, há a possibilidade de realizar-se um ensino sistemático estruturado, avaliando as necessidades de cada indivíduo e criando estratégias para que as habilidades sejam reconhecidas, aprendidas e aplicadas.

De acordo com Brasil (2007), a escola é primordial e atua como um recurso fundamental para enriquecer as experiências sociais das crianças com TEA, contribuindo com a interação entre pares e atuando com no desenvolvimento de novas aprendizagens e comportamentos. A inclusão educacional escolar, no Brasil, é uma ação política, cultural, social e pedagógica que visa garantir o direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando.

Oliveira (2020), explica que no Brasil, ao pensar nos anos anteriores, quando falamos de educação especial, podemos afirmar que ela vem sendo discutida no Brasil a partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948. Mas, apesar da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional propor que as pessoas com deficiência deveriam ser inseridas, preferencialmente, no ensino regular, isso ocorreu apenas a partir da Constituição de 1988 e sob a influência da Declaração de Jomtien (1990) e da Declaração de Salamanca (1994).

No Brasil, começou a ser discutida a universalização da Educação, e a ser implementada nas escolas regulares uma política de Educação Inclusiva, culminando com a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (2008) determina que os alunos com TEA, assim como aqueles com deficiência e altas habilidades/superdotação, devem estar incluídos na rede regular de ensino, recebendo Atendimento Educacional Especializado (AEE) no contraturno.

Martins (2022) ressalta que o AEE possui a função de identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos nas escolas públicas e privadas, considerando suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas por esses educandos nas salas do AEE devem ser diferentes daquelas realizadas na sala comum, não sendo substitutivas à escolarização, mas sim complementar e/ou suplementar ao processo de aprendizagem dos alunos.

Freire (2015), diz que:

Com relação à escola, enquanto espaço público, logo, político, deve ser um local no qual impera o compromisso com a superação de formas de opressão e o entendimento da '[...] prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos' (Freire, 2015, p. 142).

Weizenmann et al. (2015) afirma que após vigorar a lei de inclusão, verificou-se um crescimento nas taxas de alunos incluídos em escolas de ensino regular. Estudos realizados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2014) revelam um aumento considerável nas matrículas de crianças com deficiência no Brasil, sendo que este número cresceu 23 % no ano de 2003, para 81 % no ano de 2015.

De acordo com Lemos et al. (2016), a escola surge como um novo meio de estimulação para a criança com autismo, que passa a ampliar o seu contexto de interações sociais, auxiliando no seu desenvolvimento. O processo de inclusão escolar tem sido também indicado por profissionais de diversas áreas, pois estes verificaram a importância de estimular precocemente as habilidades da criança, bem como promover a interação social da mesma.

Segundo Mafra (2016) um esforço que deve ser tanto maior, quanto maior a situação de vulnerabilidade das pessoas em processo de escolarização. Pois, afastando-se do assistencialismo que adentra o olhar para a não percepção de realidades opressoras e do ativismo sem sentido, o ensinar-aprender, ao mesmo tempo que se alinha ao compromisso responsável com o existir da outra pessoa e com as suas visões de mundo, reconhece a exigência ontológica de todo ser de mover-se no sentido de, cotidianamente, transformar o impossível de hoje no possível de amanhã.

## **2 A CRIANÇA AUTISTA NA ESCOLA**

Uma parte importante da vida das crianças tem lugar na escola, pelo que, para favorecer a evolução pessoal e social dos alunos com autismo, é necessário que a intervenção



psico-educativa ofereça respostas às necessidades individuais, através do apoio necessário na formação acadêmica e também promovendo a sua inclusão na sala de aula. Isso requer não só a adaptação do currículo, mas também a avaliação e adaptação do contexto, onde se busca um processo flexível e eficiente que facilite a adaptação da criança à aula. (SILVA, 2012).



De acordo com Oliveira (2020), acredita-se que muitos professores sabem como lidar com a criança autista na escola, pois têm a consciência que elas possuem características únicas e necessitam de um olhar especial por parte dos educadores. Entretanto, nem todos os profissionais da área da educação têm o mesmo conhecimento sobre o assunto, e acaba ocorrendo de forma errada o seu tratamento escolar.



Segundo Boneti (1997), a diversidade deve ser respeitada e valorizada entre os alunos. Daí a importância do papel da escola em definir atividades e procedimentos de relações, que envolvam alunos, funcionários, corpo docente e gestores, para que possibilite espaços inclusivos, de acessibilidade, para que todos possam fazer parte de um todo, isto é, que as atividades extraclasse nunca deixam de atender os alunos com necessidades especiais.



Em consonância com Oliveira (2020), percebe-se que é necessário um olhar crítico do professor, pois, cada criança que possui o espectro autista tem sua dificuldade, e conseqüentemente sua necessidade especial. Quando a criança emite um comportamento negativo durante sua alfabetização, pode estar relacionado a um incômodo ou a necessidade de uma resposta, uma tentativa de desvencilhar de uma situação que está lhe oprimindo ou incomodando.



Desse modo, Menezes (2012) afirma que:



Uma inclusão mal planejada no ambiente escolar pode resultar em exclusão, especialmente para alunos com autismo que, embora estejam na escola, não conseguem progredir. Para que o processo de inclusão escolar seja eficaz, são necessárias três condições fundamentais: 1) Compreender as características do autismo; 2) Definir o tipo de atendimento educacional a ser oferecido em conjunto com a turma regular; e 3) Desenvolver estratégias pedagógicas adequadas que atendam às necessidades educacionais específicas dos alunos com autismo, que devem ser avaliadas de forma sistemática (Menezes, 2012, p. 53).



Sasaki (1997) sugere aos alunos, familiares e professores das escolas comuns e especiais, às autoridades que é a escola quem deve se adequar à necessidade do aluno e não o contrário. Todas as escolas devem organizar e disponibilizar recursos para remoção de barreiras que impossibilitam a aprendizagem de alunos com deficiência, uma vez que necessitam de apoio diferenciado dos que estão disponíveis comumente na educação escolar.



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

Oliveira (2020), ressalta, que é necessário que o educador esteja sempre atento, e consiga identificar a causa, o contexto, e analisar o dia, a hora e a companhia da criança que possui o TEA, principalmente, antes da mudança de comportamento. Isso será totalmente necessário para modificar esses maus comportamentos e preveni-los. Assim, devemos evidenciar a importância de intervenções focadas na comunicação e no desenvolvimento da linguagem para apoiar crianças, especialmente aquelas que podem ter desafios nessas áreas, como no caso de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) ou outras condições que afetam a comunicação.

Conforme Mello (2007). As orientações dos professores, incluem a ênfase na aprendizagem sem erro, avaliação cuidadosa dos objetivos e processos de aprendizagem, produção de aprendizado em contextos naturais, valorização da funcionalidade e utilidade dos objetivos, e foco em comportamentos positivos. Além disso, é fundamental garantir coerência nas abordagens educativas em diferentes áreas sociais, priorizando a comunicação funcional e a criação de ambientes de aprendizado menos restritivos, com estrutura e previsibilidade.

Ishihara et al. (2016) aponta que segundo estudos, embora crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) possam reconhecer palavras escritas de maneira semelhante a crianças com desenvolvimento típico, elas enfrentam dificuldades significativas na compreensão do texto. Essas dificuldades estão relacionadas à integração de informações essenciais para a compreensão global. As crianças com TEA têm problemas em conectar o que estão lendo com conhecimentos prévios, o que é fundamental para entender o contexto e o significado do texto.

Segundo Ishihara et al (2016) algumas das dificuldades e desafios enfrentados por indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) podemos citar, no que se refere à compreensão leitora, explorando modelos teóricos e estudos empíricos que tentam explicar esses fenômenos. A hiperlexia, ou a habilidade de decodificar palavras escritas sem a correspondente compreensão, é particularmente destacada.

Bordini (2013) aponta três teorias que são apresentadas para explicar essas dificuldades: a Teoria da Coerência Central, que sugere que indivíduos com TEA têm dificuldades em integrar detalhes para formar uma visão global; a Teoria da Disfunção Executiva, que propõe que dificuldades em planejar, organizar e monitorar comportamentos impactam a compreensão leitora; e a Teoria da Mente, que destaca a dificuldade em compreender a perspectiva dos outros, o que interfere na compreensão dos estados mentais dos personagens e na capacidade de fazer inferências.



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

Ainda segundo BORDINI (2013), é importante destacar a importância de adaptar o ensino da leitura para as necessidades específicas de alunos com TEA, sugerindo, que as intervenções mais eficazes devem ser baseadas em uma compreensão aprofundada dessas especificidades cognitivas e comportamentais as estratégias de intervenção mais eficazes para promover a leitura em populações com TEA. Destaca-se, atividades que incentivam a interação social em situações cotidianas são importantes para ajudar a criança a desenvolver habilidades de comunicação de maneira funcional e prática. Essas intervenções são fundamentais para que a criança possa expressar suas necessidades, interagir com outras pessoas e participar mais plenamente de suas atividades diárias.

Bordini (2013) diz que de modo geral, podemos observar que para um pleno desenvolvimento social, e, educacional, o TEA, necessita de um apoio multidisciplinar, incluído profissionais como terapeutas ocupacionais, psicólogos, fonoaudiólogos, e principalmente o amor e apoio familiar podem ajudar no desenvolvimento das habilidades da criança. A intervenção precoce é fundamental para o progresso, e o professor desempenha um papel essencial ao criar estratégias que facilitem a comunicação e o desenvolvimento da linguagem.

### **3 ABORDAGENS PEDAGÓGICAS COM A CRIANÇA AUTISTA**

Antes de abordar sobre a alfabetização de uma criança autista, é preciso fazer referência e reflexão à educação especial e à educação inclusiva, pois, se baseiam no princípio da normalização e na filosofia da integração, bem como na individualização, destacando sobretudo a consideração positiva das pessoas sujeitas. (CABRAL, 2022)

Deste modo, Mantoan (2016, p. 46) aborda que, a educação especial “consiste em uma ação pedagógica cujo objetivo não é curar deficiências fisiológicas, mas em desenvolver ao máximo as potencialidades especificamente humanas, muitas ou poucas, que um determinado sujeito possui”. Assim, deve ser dada atenção especial àquelas pessoas que possuem atitudes e aptidões superiores e são capazes de se destacar em uma ou mais áreas do desenvolvimento humano.

Segundo Bordini (2013), a alfabetização de crianças autistas pode variar bastante dependendo das necessidades e características individuais da criança. Desse modo, podemos afirmar que uma alfabetização de uma criança autista, é cercada de muitos desafios, pois, existem elevados graus do espectro, e nenhuma criança é igual à outra. Dessa maneira, apesar de existir muitas pesquisas nesse âmbito, até hoje, não existe somente um método que seja específico para o TEA — Transtorno de Espectro Autista. Menezes (2012) diz que, as



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

instituições escolares enfrentam dificuldades em trabalhar de forma sistemática e articulada entre os diferentes subsistemas, devido à falta de uma política de integração efetiva. Como resultado, as escolas não assumem responsabilidades para alcançar metas concretas em benefício da população com autismo e se sentem despreparadas para educar pessoas com essa condição.

O conhecimento do professor sobre as características dos alunos, especialmente aqueles com Transtorno do Espectro Autista (TEA), é fundamental para compreender e aceitar comportamentos. Segundo Orrú (2011), essa compreensão ajuda a interpretar manifestações inadequadas em sala de aula. Para facilitar a adaptação dos alunos, é importante criar um ambiente previsível e estruturado, evitando situações caóticas, pois a antecipação de novidades e mudanças é crucial. Além disso, para manter a atenção dos alunos, recomenda-se posicioná-los próximos à lousa e ao professor, minimizando distrações (SILVA, 2012).

Deste modo como relata Bordini (2013), as abordagens pedagógicas com o TEA demandam ajustes nas metodologias utilizadas, ou seja, o professor deve se adequar a necessidade do aluno, pois não há uma que seja específica para todos que possuem o espectro. No entanto, vários artigos científicos abordam metodologias e estratégias específicas para ajudar essas crianças a desenvolver habilidades de leitura e escrita.

Kwee (2009) explica que dentre essas abordagens frequentemente discutidas podemos citar: Método TEACCH (Tratamento em educação para autistas e crianças com deficiências relacionadas à comunicação), este método enfatiza a organização visual e o ensino em etapas, adaptando-se às necessidades individuais da criança, ele foi desenvolvido na década de 1970 e é particularmente eficaz para crianças com autismo e dificuldades de comunicação.

Bandim diz que:

As crianças autistas podem aprender, mas parece que só o fazem sob condições de aprendizagem muito cuidadosas. Dificilmente aprendem se não seguirem regras de ensino muito escrupulosamente específicas identificadas através de pesquisas na área da aprendizagem (Bandim, 2011, p. 29).

Orrú (2011), aborda que, o autismo, que inclui a Síndrome de Asperger, impacta as habilidades de comunicação e os relacionamentos das crianças. É mais comum em meninos do que em meninas, com uma proporção aproximada de 3 para 1. Crianças autistas frequentemente são vistas como perdidas em seu próprio mundo, apresentando características como desajuste, timidez e isolamento social.



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

Assim, segundo Kwee (2009), a ideia central é criar um ambiente de aprendizado previsível e organizado, a utilização de quadros de tarefas, horários visuais e materiais adaptados são estratégias comuns, esses recursos visuais ajudam a criança a entender o que se espera dela em cada momento, reduzindo a ansiedade e facilitando a transição entre atividades. Além disso, o método promove a adaptação do ensino às necessidades individuais da criança, o que pode ser muito benéfico, pois cada criança com autismo pode ter diferentes habilidades e desafios.

Bandeira (2023) aborda que também diante desse contexto, podemos citar o método de análise Comportamental Aplicada (ABA) ela é conhecida pela eficácia na promoção de habilidades de leitura e escrita, onde se utiliza reforços positivos e estratégias de ensino adaptadas para ensinar habilidades acadêmicas e sociais, utiliza princípios da psicologia comportamental para entender e modificar comportamentos.

Esse método é frequentemente aplicado para ensinar novas habilidades e reforçar comportamentos desejados. Uma criança que está aprendendo a ler pode receber elogios ou recompensas quando demonstra progresso, o que aumenta a probabilidade de que ela continue a se engajar na atividade, envolve a análise das necessidades individuais da criança e a adaptação das estratégias de ensino para melhor atender a essas necessidades.

Ao utilizar esse método pode-se incluir a divisão de tarefas complexas em etapas menores e mais manejáveis, ou a utilização de materiais e técnicas específicas que se adequem ao estilo de aprendizagem da criança, esse método infatiza a importância da coleta e análise de dados para avaliar o progresso e fazer ajustes conforme necessário. Isso permite uma abordagem mais personalizada e eficaz para o ensino.

Pereira (2020) cita como exemplo de método e abordagem de aprendizagem de crianças portadoras de TEA, a comunicação alternativa e aumentativa (CAA) é uma abordagem importante, especialmente para crianças que têm dificuldades significativas com a comunicação verbal, ao tornar o processo de comunicação mais acessível e menos frustrante, a CAA pode aumentar a motivação da criança para participar das atividades de aprendizagem. Isso pode resultar em maior engajamento e interesse pelo aprendizado. Alguns sistemas de comunicação baseados em imagens, como PECS (sistema de Comunicação Alternativa e Ampliada), podem ser integrados ao ensino da alfabetização para melhorar a compreensão e a expressão.

Pereira (2020) diz ainda, que integrar o PECS com atividades de alfabetização pode ajudar a reforçar o aprendizado. Por exemplo, ao usar cartões de imagens relacionados a livros e histórias, a criança pode aprender a identificar e compreender palavras dentro de um contexto



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

visual, tornando o processo de leitura mais acessível e envolvente, eles também podem ser usados para apoiar a expressão escrita. Por exemplo, uma criança pode usar imagens para planejar o que deseja escrever, facilitando a organização de pensamentos e a produção de texto. Isso pode ser especialmente útil para crianças que têm dificuldade em começar ou organizar seus pensamentos de forma escrita.

Ainda segundo Pereira (2020), podemos afirmar que o CAA integrado ao PECS adapta o ensino às necessidades individuais, garantindo que todas as crianças, independentemente de suas habilidades de comunicação, tenham acesso ao currículo. Outra vantagem desta abordagem é que para as crianças com dificuldades na comunicação verbal, a CAA oferece alternativas para expressar suas necessidades e pensamentos. Isso pode reduzir a frustração e o estresse, permitindo uma participação mais ativa nas atividades educacionais, deste modo, promove um ambiente de aprendizado mais inclusivo e equitativo.

Portanto, para aplicar com sucesso as diretrizes pedagógicas, é necessário que o professor assuma uma postura tolerante e respeitosa em relação às diferenças individuais, enxergando principalmente mais vantagens do que desvantagens na inclusão educacional de indivíduos com autismo.

REEDUC  
REVISTA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO

## CONCLUSÃO

Concluimos que, na esfera educacional, a inclusão escolar tem se consolidado como uma prioridade crescente, refletida nas políticas de Educação Inclusiva e no aumento das matrículas de alunos com deficiência. A escola desempenha um papel essencial no desenvolvimento social e acadêmico das crianças com TEA, oferecendo um espaço vital para a interação social e o crescimento pessoal.

A prática educativa inclusiva, conforme abordada pela legislação e pelas teorias educacionais, deve ser adaptada às necessidades específicas de cada aluno, promovendo um ambiente de aprendizado que respeite e valorize a diversidade. Essas práticas não apenas promovem o respeito e a valorização da diversidade, mas também proporcionam um ambiente de aprendizado enriquecedor, onde cada aluno pode desenvolver seu potencial máximo.

O trabalho com crianças com TEA demanda ajustes cuidadosos nas metodologias educacionais, visto que não existe uma abordagem universalmente aplicável para todos os casos. Contudo, a jornada para a plena inclusão de crianças com TEA nas esferas de saúde e educação é marcada por avanços significativos, mas também enfrenta desafios contínuos.

É essencial que professores, pais, alunos e a comunidade em geral continuem a implementar práticas eficazes, e a exigir de nossos governantes políticos que assegurem o acesso equitativo aos recursos e o suporte necessário para o bem-estar e o desenvolvimento integral das pessoas com TEA.

É necessário ainda, o compromisso dos educadores com uma abordagem multidisciplinar e personalizada, aliado ao apoio da família e da comunidade escolar. Essa união é fundamental para criar um futuro mais inclusivo e igualitário para todos. A personalização das estratégias pedagógicas, aliada ao uso de recursos e técnicas específicas, como o Método TEACCH, a Análise Comportamental Aplicada (ABA) e a Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA), pode facilitar significativamente o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

## REFERÊNCIAS

AUTISM. Jade. NEWSLETTER Blog. **Como trabalhar o processo de alfabetização com alunos autistas.** 2021. Disponível em: <https://www.jadeautism.com/metodos-para-alfabetizacao-de-alunos-com-autismo>. Acesso em: 04 nov. 2024.

BANDEIRA. Gabriela. Canal Autismo. **Blog. Retratos do Autismo no Brasil em 2023.** 2023. Disponível em: <https://www.canalautismo.com.br/noticia/retratos-do-autismo-no-brasil-em-2023/>. Acesso em: 04 nov. 2024.

BORDINI, Daniela et al. **Transtorno do espectro autista uma visão geral sobre o diagnóstico e tratamento.** Artigo Scielo. (2013). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/GXxmGC7gqrG8FMhzLB5RcLw/?lang=en>. Acesso em: 04 nov. 2024.

BRITES, LUCIANA. instituto Neurosaber. **Blog. Como é o processo de alfabetização de uma criança com autismo?** 2020. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/como-e-o-processo-de-alfabetizacao-de-uma-crianca-com-autismo/>. Acesso em: 04 nov. 2024.

CABRAL, Maria Elimar Cruz. Os desafios educativos para a inclusão de crianças com autismo no contexto escolar. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento.** Ano. 07, Ed. 09, Vol. 07, pp. 78-91. Setembro de 2022. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/criancas-com-autismo>. Acesso em: 04 nov. 2024.

CARMO. Willian Rezende do. **Blog. Como lidar com a criança autista na escola.** 2020. Disponível em: <https://neurologistainfantil.com/crianca-autista-na-escola/>. Acesso em: 04 nov. 2024.

INCLUSÃO educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura.

ISHIHARA, Mariana Katsumi. TAMANAHA, Ana Carina. PERISSINOTO, Jacy. Artigo Scielo. **Compreensão de ambiguidade em crianças com Transtorno Específico de Linguagem e Fala e Transtorno do Espectro Autista**. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/codas/a/3trwMMZmFTW77nZ7wqk89Kk/?lang=pt>. Acesso em: 04 nov. 2024.

KWEE. Caroline Sianlian, SAMPAIO. Tania Maria Marinho, ANTHERINO. Ciriaco Cristóvão Tavares. **Autismo uma avaliação transdisciplinar baseada no programa TEACCH**. Artigo Scielo. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/fsDFTjzx7ZYmsQPvbsH39Vb/#>. Acesso em: 04 nov. 2024. .

LAZZARINI, Fernanda Squassoni, ELIAS, Nassim Chamel. **História Social e Autismo: uma Revisão de Literatura**. Artigo Scielo. (2022). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/xJbTxLYxdpkR7wbdtxM8spr/#>. Acesso em: 04 nov. 2024.

MARTINS. Fran. Ministério da Saúde. Visibilidade ao autismo. **TEA: saiba o que é o Transtorno do Espectro Autista e como o SUS tem dado assistência a pacientes e familiares**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/tea-saiba-o-que-e-o-transtorno-do-espectro-autista-e-como-o-sus-tem-dado-assistencia-a-pacientes-e-familiares>. Acesso em: 04 nov. 2024.

OLIVEIRA, Francisco Lindoval de. **Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista**. Educação pública CECIERJ. (2020). Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista>. Acesso em: 04 nov. 2024.

OLIVEIRA. Gabriela Rodrigues, SOUZA, Nicolli Bellotti de. **UniAtenas-Revista Científica Online**. Volume 13. Número 01. Intervenção com a criança autista no âmbito escolar 2021. Disponível em: [http://www.atenas.edu.br/uniatenas/assets/files/magazines/A\\_INTERVENCAO\\_COM\\_A\\_CRIANCA\\_AUTISTA\\_NO\\_AMBIENTE\\_ESCOLAR.pdf](http://www.atenas.edu.br/uniatenas/assets/files/magazines/A_INTERVENCAO_COM_A_CRIANCA_AUTISTA_NO_AMBIENTE_ESCOLAR.pdf). Acesso em: 04 nov. 2024.

PEREIRA. Erika Tamyres et al. **Comunicação alternativa e aumentativa no transtorno do espectro do autismo: impactos na comunicação**. Artigo Scielo. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/codas/a/QxhXpZ3jckz6K3dyCdbVhXq/>. Acesso em: 04 nov. 2024.

RAMOS, Adevania Jenuaria. GONÇALVES, Adriana da Silva Duarte, Et al. **A Educação infantil e os desafios do processo de ensino e aprendizagem da criança autista**. ISCI - Revista Científica. (2023). Disponível em: <https://www.isciweb.com.br/revista/56-ed-42-ano-10-numero-12-out-2023-extra/3753-a-educacao-infantil-e-os-desafios-do-processo-de-ensino-aprendizagem-da-crianca-autista>. Acesso em: 04 nov. 2024.

**REVISTA EDUCAÇÃO ESPECIAL**. Número (Nº 26). Volume (47). 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313128786005>. Acesso em: 04 nov. 2024.

ROSÁRIO. Mariana. O Globo. **Autismo: alta de casos no Brasil e no mundo é fruto da maior compreensão do transtorno, dizem médicos**. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2024/01/21/autismo-alta-de-casos-no-brasil-e-no-mundo-e-fruto-da-maior-compreensao-do-transtorno-dizem-medicos.ghtml>. Acesso em: 04 nov. 2024.

SANINI, Cláudia BOSA, Cleonice Alves. **Autismo e inclusão na educação infantil: Crenças e autoeficácia da educadora.** Artigo Scielo. (2015). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/PP69msMBkjDSYw4svd3v3bM/?lang=pt>. Acesso em: 04 nov. 2024.

SANTOS, Régia Vidal, MACEDO. Eunice, MAFRA, Jason Ferreira. Scielo. Revista Brasileira de estudos pedagógicos. **Autismo na escola: da construção social estigmatizante ao reconhecimento como condição humana.**2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/JSGZmmfYRmnxkj5Q8Ckzcx/>. Acesso em: 04 nov. 2024.

SANTOS. Régia Vidal, MACEDO. Eunice, MAFRA, Jason Ferreira. Scielo. **Autismo na escola: da construção social estigmatizante ao reconhecimento como condição humana.** Rev. Bras. Estud. Pedagog. 103. Pg. (264) May-Aug. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/JSGZmmfYRmnxkj5Q8Ckzcx/>. Acesso em: 04 nov. 2024.

VITTA, Fabiana Cristina Frigieri de, VITTA, Alberto de, MONTEIRO, Alexandra S.R. **Percepção de professores de educação infantil sobre a inclusão da criança com deficiência.** Artigo Scielo. (2010) Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/PsNC5CVH8MCHPRccP3tvKJS/>. Acesso em: 04 nov. 2024.

WEIZENMANN, Luana Stela. PEZZI, Fernanda Aparecida Szarecki. ZANON, Regina Basso. **Inclusão escolar e autismo: sentimentos e práticas docentes.** Artigo Scielo. (2020). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/NwnK5kF4zM9m9XRynr53nwF>. Acesso em: 04 nov. 2024.

REEDUC  
REVISTA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO

Enviado em: 11/01/2025.

Aceito em: 14/01/2025.